

Editorial

DOI: 10.4025/revpercurso.v8i2.34699

Este foi o ano do golpe. O país, envolto por uma crise que solapa com a democracia que outrora o povo se congratulava em tê-la, de repente, se depara com uma situação em que grupos hegemônicos simplesmente tomam as decisões que julgam serem as mais adequadas para com sua população. Não, não estamos nos referindo ao golpe que, por meio de um impeachment fraudulento, retirou do posto máximo do país uma presidenta eleita democraticamente para inserir, naquele lugar, um governo ilegítimo. Estamos nos referindo à comunidade científica nacional, mais especificamente a da Geografia, que solapou com a classificação de alguns periódicos, entre eles, a Revista Percurso.

Esta, que após anos de dedicação de um grupo de pesquisa, conseguiu colocar no ar sua primeira edição em 2009, num trabalho árduo e de grande comprometimento, arguindo em sua primeira classificação qualis uma nota B4 e, após três anos de intensa dedicação, em 2012, foi agraciada com um B3. Porém, conforme nota da CAPES, e “Ofício Circular nº 23/2015 – DAV/CAPES, de 05 de outubro de 2015, constatou-se que algumas revistas, entre elas a Revista Percurso, não foram relacionadas na primeira atualização do Qualis do quadriênio. Este problema ocorreu devido a uma inconsistência no sistema, que não incluiu toda a base de periódicos declarados no módulo Coleta em 2013 e 2014”, este periódico perdeu suas classificações anteriores e ficou sem classificação qualis até este último bimestre (esta nota se encontra disponível integralmente em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/index> - e em tão breve não deverá sair de lá, confirmando que houve uma inconsistência do sistema, e não da Revista). Para surpresa dos editores e colaboradores, e de toda comunidade que contribui para o sucesso deste periódico, que desde sempre tem se empenhado para elevar a classificação da revista, mantendo-se fiel à periodicidade, à publicação de artigos completos de qualidade e inclusive em outras línguas (espanhol e inglês), à abrangência nacional (negando a endogenia), e melhorando a performance estética e instrumental, na última classificação, disponibilizada apenas neste último bimestre, recebemos, sem qualquer tipo de explicação ou justificativa, o qualis B5.

Não se trata de menosprezar os periódicos que possuem esta classificação, mas indignar-se com a falta de lisura e transparência num processo que rebaixa a Revista Percurso em duas casas classificatórias sem quaisquer motivos para isso. Porém, mantendo o comprometimento com nossos colaboradores e com a construção de um conhecimento crítico e consistente, mais

especificamente com a Geografia, continuaremos nosso trabalho acreditando que, mais importante que esta classificação, é a disseminação da ciência de modo eficaz. Neste sentido, esta edição traz, no primeiro artigo, de Débora Ocon e Márcia da Silva, uma interessante discussão acerca da territorialização dos grupos de poder durante a criação do Parque Estadual das Várzeas do Rio Ivinhema-MS. A seguir, Josimelry Vaz e Vandervilson Alves Carneiro apresentam uma importante contribuição sobre o uso da Escala de Mohs e a dureza dos minerais no espaço escolar. A seguir, como terceiro artigo, numa contribuição em língua espanhola, Joelmir Marques da Silva apresenta o artigo *El proceso de restauración de la Plaza de Casa Forte: um jardín histórico de Roberto Burle Marx em Recife, Brasil*, apresentando uma discussão que envolve geografia e história. Como quarto artigo, Patrícia Harger tece uma crítica ao modelo de consumo vigente, estabelecendo uma intrigante discussão acerca dos produtos de moda afro-brasileiro que sofrem discriminação étnico-racial devido a dificuldade que seus criadores possuem de inseri-los no mercado nacional.

O quinto trabalho, de Letícia Pessanha, trata da geografia humanística, abordando conceitos de lugar e de símbolo, enriquecendo o conhecimento destas nuances por meio de uma rigorosa discussão. Núbia Nogueira Nascimento é a autora do artigo *Turismo e patrimônio histórico de Porto Nacional/TO*, que marca a sexta publicação desta edição, tratando de importante tema e relacionando-o com o município de Porto Nacional, Tocantins. A próxima discussão apresentada na forma de artigo é de Eder Borges, que traz à tona uma questão relevante para os estudos urbanos, tratando de mobilidade na cidade de Maringá-PR. Na reta final desta publicação, Silvana Galdino e Sandra Malysz apresentam um artigo que se refere à questão do trabalho e dos riscos ocupacionais a que estão sujeitos os garis coletores de resíduos sólidos, estudo de caso que aconteceu no município de Mamborê-PR. José Luiz de Carvalho nos proporciona uma leitura sobre as geo-historiografias urbanas, enfatizando temas como cidade, civilização e modernidade. Por fim a Nota de Sheyenne Rafaela dos Santos e Virgílio Bernardino acerca de um projeto de iniciação científica intitulado “População com diabete e hipertensão na cidade de Paranavaí – PR” que apresenta alguns resultados da pesquisa em desenvolvimento. Assim, cientes do comprometimento de nossa equipe e com a qualidade dos trabalhos publicados em nosso periódico, desejamos à todos e à todas uma excelente leitura destes artigos, e a intenção de que a academia seja mais transparente e imparcial.

Os Editores